

## CONCERTOS DE OFICINA



CLAUDIA GELB

# Consertos de oficina



© Moinhos, 2016.  
© Claudia Gelb, 2016.

*Edição:*  
Camila Araujo & Nathan Matos

*Revisão:*  
LiteraturaBr Editorial

*Diagramação e Projeto Gráfico:*  
LiteraturaBr Editorial

*Capa:*  
Lily Oliveira

1ª edição, Belo Horizonte, 2016.

*Nesta edição, respeitou-se o  
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

G314c  
Gelb, Claudia | Concertos de oficina  
ISBN 978-85-92579-12-8  
CDD B869.3  
Índices para catálogo sistemático  
1. Contos I. Título

Belo Horizonte:  
Editora Moinhos  
2016 | 104 p.; 21 cm.

Editora Moinhos  
editoramoinhos.com.br  
editoramoinhos@gmail.com

# Sumário

Cão que ladra não morde?,	7
Amor atemporal,	9
Véspera da paixão,	13
Amor bandido,	16
A espera,	19
Desilusão,	21
Mega Sena acumulada,	23
Pequena trapaça,	26
Sempre em fevereiro,	28
Deus, o diabo e eu no meio,	30
Tudo o que se vê não é,	32
Última volta,	34
A medida exata do amor,	36
Amores abortados,	38
O chamado,	43
Aqui se faz, aqui se paga,	46
Meu negrinho,	48
O tempo é uma fração,	51
A ponta do iceberg,	56

Assim como são as pessoas são as criaturas, 59  
O lado escuro da lua, 62  
Paraíso perdido, 64  
Quem não se desloca não recebe a bola, 67  
A santa ceia, 69  
Freud explica?, 71  
Manual de sobrevivência, 73  
De volta ao passado, 75  
Sequelas, 77  
Rotina clandestina, 79  
O monstro da Leopoldina, 81  
Dormindo com o inimigo, 83  
Pelos poderes da adicção, 87  
Para-raio de Exu, 90  
Destino insólito, 93  
O sexo frágil, 95  
Os mortos não levantam mais!, 97  
Sobrevivente de um desastre mental, 99  
Abuso de poder, 101

## *Cão que ladra não morde?*

Estava furioso a ponto de babar. Olhou-se no espelho e se atracou. Para além do vidro quebrado e do sangue que jorrava, não teve a mínima graça. A vida continuava igual e não havia ninguém por perto para partilhar aquele arroubo de fúria.

Já debaixo do chuveiro, começou a examinar em um nível mais profundo essas suas reações diante do inevitável. Por que reagia desse jeito sempre que um relacionamento terminava? Por que não aceitava o fim, não passava um tempo sozinho curando suas feridas e depois partia para outra?

Precisava modificar esse comportamento inaceitável. Sua mulher, no quarto ao lado, certamente iria continuar a discutir a relação. Típico das mulheres. Decretavam o fim e ainda queriam conversa. Mas, avante. Teria de estar pronto para o embate.

Antes de entrar em campo para a partida decisiva, decidiu sair à francesa pela janela e dar uma passada rápida na casa espírita que frequentava. Sentou-se a um banco ao fundo, na fileira da esquerda, fechou os olhos para uma melhor concentração e pôs-se a ouvir a palestra daquela noite.

O tema não poderia ser mais apropriado. A irmã Rosely discorria sobre a importância de se fazer um balanço sobre o ano que estava prestes a se encerrar. Muito mais do que agradecer pelas coisas boas e pelo que tinha sido positivo, era necessário lançar um olhar para aquilo que deixara a cada um contrafeito.

Nos momentos felizes, o aprendizado era quase nulo, posto que se ficava a saborear cada conquista e meta atingidas. Era na dor que o ser humano aprendia as maiores lições. Na repetição dos mesmos erros à espera de um milagre, devia-se tentar o questionamento do porquê das dificuldades de modificação frente a um comportamento ritualístico. Agradecer a Deus pela oportunidade de crescimento era fundamental para uma nova postura diante da vida.

Assimilada a lição, Roberto começou a orar devotadamente, em um processo de aceitação pelo que a sua existência lhe permitira até então. Era necessária uma saída alternativa, ao menos uma tentativa de olhar para os seus problemas por um novo ângulo. Antes de se retirar, tomou um gole de água fluidificada em busca de purificação.

No caminho de volta à casa, a palestra continuou a reverberar em seu cérebro. Era tempo de recomeçar. Um misto de alegria e esperança percorria todo o seu ser. Já havia perdido muito tempo em adiar a solução para os problemas de seu casamento com Mirtes.

A mulher estava na calçada tomando chimarrão com a vizinha. Reduziu a marcha para observar com ternura a criatura com a qual passara os últimos dez anos. Sim, havia uma solução. Sempre havia uma nova possibilidade. No instante em que puxou uma Ave-Maria mentalmente, girou o volante em direção à calçada e acelerou. O próximo ano seria diferente.



## *Amor atemporal*

Ela era viciada em filmes românticos. De tantas cenas em sua cabeça, uma era recorrente, talvez por ser a tradução do seu desejo mais secreto: um homem esbarrando numa mulher em meio às ruas de Nova York, derrubando os livros de uma desconhecida, e a partir desse simples esbarrão nascia ali uma paixão desenfreada.

Para ela, que estava acostumada a planejar pequenos gestos e falas, a idealizar romances e sonhar com a outra metade da laranja antes mesmo de conhecê-la, a cena era peculiar, era o anseio e quem sabe a promessa de que um dia o amor viria ao seu encontro.

Naquele momento, ela estava apaixonada e não saberia dizer o instante exato em que aquele sentimento ali se instalara. Tudo que sabia era que um dia acordara e passara a ver outro ser humano com um olhar diferente

Estivera sempre ali o amor, apenas num contexto não erotizado, sem nenhuma conotação sexual. Mas agora se dava conta de que tudo que tinha aprendido sobre as coisas acontecerem no tempo de Deus era verdade, e que fios

invisíveis tinham estado a se mexer durante anos para que aquele momento chegasse e lhe deixasse à beira do confronto.

Não fora fácil admitir um turbilhão de sensações que começou a sentir desde então. A primeira impressão, quando se deu conta do que estava a se instalar no coração, foi de rejeição à ideia, como se estivesse a cometer um grande pecado. Não, ela não deveria ter tais pensamentos, era uma espécie de profanação à figura que sempre estivera do seu lado. Também chegou a pensar na sua extrema carência e zangou-se, pois tinha ultrapassado todos os limites da insanidade. Definitivamente, enlouquecera.

Entretanto, lá no seu íntimo, sabia que a racionalização pura e simples não iria adiantar nesse caso. Havia algo escondido embaixo desse emaranhado de sentimentos, algo como uma verdade secular. E de novo voltou-se para Deus e para todas as suas crenças sobre determinadas pessoas que caminham juntas por toda a eternidade, às vezes nesse plano terrestre, às vezes em outro.

Ela também era viciada em literatura, e agora não lhe saía da cabeça um verso que dizia que “angústia é fala entupida”. Era assim que estava, totalmente entupida, desesperadamente precisava falar sobre o assunto, mas sem saber qual a abordagem e muito menos quem seria o interlocutor. Poderia falar disso com o “objeto” do seu desejo? Não, não se imaginava fazendo isso, mesmo que sempre tivesse falado sobre toda a sua vida com o outro. Não podia confessar um sentimento unilateral, iria se sentir ridícula, desconfortável, a última das criaturas. Entretanto, precisava fazê-lo, era inevitável e urgente. Teria que reunir toda a sua parca coragem e exorcizar os seus demônios, não poderia viver dividida pelo sentimento de culpa toda vez que ouvisse sua

voz ou olhasse em seus olhos, independente do que adviesse daí e dessa conversa.

\*

A única coisa que constatava era a felicidade perene e genuína a cada encontro, telefonema ou mensagem trocada. De todas as suas dúvidas, uma tinha se dissipado: o sentimento era recíproco, o que não resolvia muita coisa, posto que a confusão acerca do que fazer e do próximo passo a dar era agora compartilhado pelo homem que amava. Seu lado ariano vinha se modificando desde então, no sentido de não fazer da conquista algo a ser realizado com tanta urgência. Estranhamente, ela agora sabia esperar — não sem uma certa ansiedade — pelo desenrolar dos acontecimentos.

Esperar era diferente de não se questionar. A cada hora lhe passava uma coisa pela cabeça. Deveria trocar de pátio, trocar o certo pelo duvidoso, já que entrar na área do envolvimento amoroso lhe deixava sem a certeza de que iria durar e dar certo? Por outro lado, já não vinha dando certo há tanto tempo, não havia uma sintonia fina entre eles, como poucas vezes — ou quase nunca — mantivera em suas relações? Saberiam assumir o que sentiam e teriam o direito à felicidade? O mundo não deveria importar, mas importava, mesmo que quisesse entrar de cabeça nisso tudo. Tantas implicações, mas, ao mesmo tempo, não estavam já maduros o suficiente para aceitar que tudo vem na hora certa, e se ali estava, era quase uma heresia desperdiçar um sentimento mais profundo?

Afora essas questões existenciais, tinha o lado prático da coisa. Por mais que o seu maior desejo fosse dar um longo abraço seguido de um beijo na boca, ela travava só de pensar nisso. Mentira, pensando nas noites silenciosas em seu

quarto ela curtia muito essa ideia, para logo a seguir se pegar não sabendo como, onde e quando iria fazer aquilo tudo. Nunca fora insegura sobre sua capacidade de dar prazer a alguém, mas agora tinha medo que todos esses pensamentos lhe viessem à cabeça na hora H.

E ria também. Ria muito disso tudo, porque sabia que lá no fundo era bobagem. Poderiam se atrapalhar, mas mais cedo ou mais tarde passariam por cima dessa angústia inicial, nem que fosse preciso tentar mais de uma vez. Nunca ouvira falar de um caso em que duas pessoas quisessem muito a mesma coisa, e não tivesse sido um momento supremo e mágico, desses que a retina capta por todo o sempre, e a memória da pele reconhece a cada novo encontro, ou mesmo simples pensamento.

De modo que assim passavam-se os dias. A vida não parara e com ela todas as responsabilidades. Mas sabia que esse amor, não se sabe desde quando, talvez desde os tempos imemoriais, viera pra ficar. Talvez fosse a maior dádiva já recebida em longos anos de busca em torno da paz. Lembrava-se de outra frase bíblica agora: “quem procura a paz encontra a guerra”. Era isso. Era preciso arriscar, ou era talvez a sentença de morte em vida. Os dados estavam lançados, mas não era uma roleta russa. Era, simplesmente, um amor sem fim, atemporal. Era a cena mais bela que já vira. E sabia que, fosse qual fosse o final, iria aplaudir de pé.